

Título: **As listas de fio a pavio**

Fonte: **Visão**

Autor: **Paulo Pena**

Data: **20-05-2004**

Página: **46;/ 47;/ 48;/
49;/ 50**

C/ Foto | Cor

As listas de fio a pavio

Portugal

Os elencos dos quatro principais partidos candidatos ao Parlamento Europeu estão cheios de coincidências. Escritores de primeiro plano, fadistas e rockeiros, pai e filha, inimigos jurados, processos em tribunal, amigos de longa data. Vício ou virtude de um país pequeno?

Paulo Pena

A política é um assunto demasiado sério para ficar, exclusivamente, nas mãos dos políticos. Essa parece ter sido a regra seguida pelas principais forças partidárias, na elaboração das listas ao Parlamento Europeu.

Com uma excepção: o PS. No Largo do Rato, a direcção socialista não se deixou seduzir pelo peso das personalidades do meio cultural e juntou, entre os 24 candidatos efectivos, cinco ex-governantes, uma ex-autarca, oito deputados e três eurodeputados.

«Uma lista de luxo», chama-lhe Ana Gomes, a número três. Outro luxo a que se deram os partidos é a presença, nas listas, de um Prémio Nobel da Literatura, José Saramago (o 10º da CDU), rivalizando com o Prémio Médicis e Jean Monet, Antonio Tabucchi (o sexto do BE), e com o poeta Vasco Graça Moura (segundo da coligação PSD/CDS).

Ou, em lados diferentes da barricada política, das vozes consagradas de Xana (vocalista dos Rádio Macau, 23ª do BE), Janita Salomé (o 20º - da CDU) e Nuno da Câmara Pereira (209 da coligação de direita). A abstenção não pode argumentar que estas são listas fechadas.

Elogios a Tabucchi

Vasco Graça Moura é, de todos os escritores rivais, o que tem alguma experiência do cargo a que se candidata. Passou os últimos quatro anos entre Estrasburgo e Bruxelas, e é o mais céptico quanto ao eleitoralismo cultural: «Saramago é um candidato simbólico e não creio que a presença de Tabucchi dê mais um voto que seja ao BE.»

Mas se der, ironiza, «também quero receber o meu quinhão», do voto de confiança dos leitores-eleitores. No entanto, não deixa de considerar que a aposta do Bloco no escritor de Florença «é um passo inteligente». Nota: Tabucchi e Graça Moura são amigos de longa data, personagens centrais do debate literário português, companheiros de jornadas de letras e admiradores um do outro.

«É um grande escritor contemporâneo e meu amigo pessoal», diz o poeta do PSD. Antonio Tabucchi prefere ironizar com dois poetas renascentistas (ver entrevista) para marcar a diferença política que os separa. «Tabucchi é um grande conhecedor da realidade portuguesa.» Não é Miguel Portas, o cabeça de lista do BE, quem o assegura.

E Ana Gomes, do PS. De facto, Antonio Tabucchi tem, na sua obra, vários romances que retratam a sociedade portuguesa, de Requiem, afirma Pereira, passando pelo inevitável A Cabeça Perdida de Damasceno Monteiro, que se baseou na célebre decapitação de um detido numa esquadra da GNR em Sacavém, quando Deus Pinheiro era ministro dos Negócios Estrangeiros.

Tabucchi é cidadão italiano, nascido em Pisa, e residente em Vecchiano. E não é o único

«estrangeiro» das listas do BE. Adriana Lopera, enfermeira que trabalha num hospital de Lisboa, mas nascida em Sevilha, completa o, escasso, rol de cidadãos da UE com presença nas listas portuguesas, uma possibilidade aberta pelo Tratado de Maastricht, que agora dá os primeiros passos.

Ana Gomes considera «positivo e interessante» que surjam candidaturas com cidadãos de outros Estados-membros, mas reitera os que são, na sua opinião, os principais cartões-de-visita que um eurodeputado deve ostentar: «Ser competente para o trabalho que vai desempenhar e ser capaz de comunicar com outros eurodeputados, ou seja, saber falar línguas.»

Já Vasco Graça Moura salienta que os candidatos têm três prioridades à sua frente, no novo parlamento eleito a 13 de Junho: «A continuação da `estratégia de Lisboa', que é um objectivo importante, mas que tem sido tratado de forma demagógica; a construção e a engenharia institucional da Europa e a segurança, com a aceleração das disposições constitucionais.»

Zangas e atritos

«O último da nossa lista é melhor que o primeiro da lista deles.» A frase, atribuída pela imprensa a Durão Barroso, num recente Conselho Nacional do PSD, comparava Miguel Frasquilho, ex-secretário de Estado de Manuela Ferreira Leite, com Sousa Franco. Mas é, até ao momento, um episódio sem sequelas.

Uma «afirmação de campanha», justifica Vasco Graça Moura, para quem, a julgar pelas intenções e manifestos dos candidatos, o debate não vai azedar. O fair-play parece ser um dado assente nesta campanha. João de Deus Pinheiro, o número um do PSD/CDS, prometeu não hostilizar o seu amigo Sousa Franco com o mimo de «pai do défice», epíteto criado pelos estados-maiores do Governo.

Graça Moura concorda com essa atitude: «Sou amigo de Sousa Franco desde os tempos de faculdade. As boas relações com as pessoas das listas adversárias contribuem para um registo civilizado da campanha e para o aprofundamento do debate.» Ana Gomes subscreeve, pelo PS: «Nós não fazemos campanha com ataques pessoais.» Outro revés para o argumentário abstencionista.

Na prática, a sã convivência democrática pode esbarrar em alguns atritos históricos. O monárquico Nuno da Câmara Pereira, por exemplo, tem nas listas do PS a republicana Edite Estrela, com quem protagonizou um acalorado momento televisivo no talk-show de Herman José. «A Câmara de Sintra é das mais corruptas do País», afirmou o cantor (que não gosta de ser «etiquetado» de fadista).

O homem que reclama para si o título de «legítimo herdeiro ao trono português», embora a causa monárquica esteja entregue, nesta eleição, ao seu irmão Gonçalo, cabeça de lista do PPM, parece talhado para as grandes polémicas. Comols a dos toiros de morte. O último dos suplentes da lista do PSD/CDS, o advogado António Maria Pereira, foi um dos principais opositores da «excepção de Barrancos», e é líder de uma organização de defesa dos animais.

Nuno da Câmara Pereira, por seu lado, afirmou que a vocação do toiro é morrer na arena. Já se sabe que as listas são, muitas vezes, exercícios de filigrana no que toca a acomodar diferentes tendências, sensibilidades e, muitas vezes, meras disputas de personalidades. Anacoreta Correia, histórico do CDS, recusou embarcar na lista da coligação com o carimbo de não-elegível.

O mesmo se passou com o CDS-Madeira. No PS, a renovação das listas deixou descontentes vários eurodeputados (como Luís Marinho, que estava em Estrasburgo desde 1986) com guia de marcha para Lisboa, e muitos pretendentes que viram Ferro Rodrigues chamar a si toda a responsabilidade pelas escolhas.

Edite Estrela, a ex-autarca de Sintra, voltará a enfrentar o seu agastado ex-município, partindo de uma vantagem confortável: é a nona da lista do PS, o que lhe permite, se não houver surpresas, acompanhar de longe o processo judicial que mantém contra Nuno da Câmara Pereira, após as acusações de corrupção, e cujo debate instrutório terminou recentemente.

O candidato do PSD/CDS está acusado por «difamação agravada» e, no que depender de Edite Estrela, o único encontro possível entre ambos decorrerá em Tribunal. «É evidente que não gostaria de me cruzar com ele. Mas não creio que haja esse perigo durante a campanha.»

A guerra dos sexos

Nenhuma escolha causou tanta surpresa como a do cabeça de lista da coligação no Governo. João de Deus Pinheiro protagonizou uma das mais famosas zangas da política portuguesa, justamente com os dois líderes que, agora, depositam nele as esperanças numa vitória: Durão Barroso e Paulo Portas (a quem ganhou um processo em tribunal, também por difamação).

Os números um das quatro listas que ambicionam eleger eurodeputados são, aliás, em muitos aspectos, escolhas surpreendentes. Isso reflecte-se, aliás, nos baixos níveis de notoriedade que alcançam nas sondagens, onde apenas Miguel Portas (os responsáveis pela consulta alertam para a possibilidade de se dever ao apelido) e Manuel Monteiro (do PND) são figuras reconhecidas pela generalidade dos portugueses.

Miguel Portas (que foi militante do PCP até ao início dos anos 90) é o único repetente, após ter protagonizado o pontapé de saída do BE, em 1998. Falhou a eleição, naquela que foi a primeira disputa eleitoral da nova formação de esquerda. Sousa Franco (que também já esteve do outro lado, quando liderou o PSD nos anos 70) é o único independente, dado que nunca se filiou no PS. Ilda Figueiredo é a única mulher que parte em primeiro.

No que diz respeito à presença de mulheres nas listas, o Bloco é o vencedor, com 13 mulheres e apenas 11 homens. A lista da CDU é paritária (12 candidatos por género). O PS tem um terço de mulheres (8). A coligação fica-se por sete mulheres, em 24 candidatos. Pelo BE candidata-se, em segundo lugar, Violante Saramago, a filha de José, o 10º candidato da CDU.

Logo a seguir (em 42) surge a jornalista Diana Andringa. A CDU apresenta, em terceiro lugar, a deputada Odete Santos e, em quarto, a também deputada Heloísa Apolónia, dos Verdes. A primeira mulher da coligação PSD/CDS é Assunção Esteves, deputada e constitucionalista, enquanto a segunda mulher da lista, a eurodeputada Regina Bastos, surge em 112 lugar, e não tem, segundo as sondagens, a eleição assegurada.

Este é, alias, um velho problema nacional. Tanto no Parlamento como no Governo, as mulheres estão em franca minoria (20% e 22%, respectivamente).

Música no coração

No que toca a quotas impostas, as Regiões Autónomas e as «jotas» levam, sem grande alarido, a água ao seu moinho. Nas listas do PS convivem, em lugar elegível, os dois últimos dirigentes da JS: Sérgio Sousa Pinto e Jamila Madeira. Na coligação de direita, são três os ex-«jotas»: **CARLOS COELHO** e Pedro Duarte, da JSD, e Pedro Mota Soares da Juventude Centrista. Na CDU, a juventude comunista avança com Margarida Botelho (em 142 lugar).

Também as representações insulares pesam nos elencos que concorrem a Estrasburgo. No caso do PS, o açoriano Paulo Casaca (62) está mais bem colocado que o madeirense Jardim Fernandes (122). No PSD/CDS é ao contrário: Sérgio Marques, da Madeira, surge um lugar à frente de Duarte Freitas (72), dos Açores.

O mesmo se passa com a CDU e o BE, embora se trate de lugares, à partida, não-elegíveis. Edgar Silva (ex-padre do Funchal) é o sexto da CDU. Enquanto Violante Saramago Matos, residente na capital madeirense, é a número dois do Bloco. A última da lista bloquista, Xana, a vocalista dos Rádio Macau, é um dos exemplos dos tradicionais «apoiastes» que saltam, directamente, para o papel de candidatos.

Até esta eleição, era raro os papéis invertermem-se. Os músicos eram apoios bem-vindos, enchiam páginas de folhetos e figuravam nos tempos de antena, mas não tiravam o lugar aos candidatos oficiais, geralmente emanados dos aparelhos. Agora são três, os representantes da música portuguesa no baile das europeias.

Xana precisará de mais do que um Elevador da Glória para tomar um lugar de eurodeputada. O mesmo acontece, aliás, com os seus congéneres nas listas do PCP e da coligação PSD/CDS. Janita Salomé, habitual apoiante da CDU, é o 202 da sua lista e empresta uma voz reconhecida, sobretudo em cantares alentejanos e na fusão vocal ibero-árabe, à candidatura que espera manter os dois eurodeputados, experientes em Estrasburgo (Ilda Figueiredo e Sérgio Ribeiro, que substitui Joaquim Miranda).

Nuno da Câmara Pereira, também 202, é cantor de vários êxitos do fado, como o Cavalo Ruço, A Samaritana, ou A Rosinha dos Limões. Defensor de uma lusa-Olivença, é de todos o que mais promete abalar o status quo da campanha. Que, para já, ainda vai morna. E embalada pelas coincidências típicas de um pequeno País numa Europa cada vez maior.

Antonio Tabucchi

Será que tudo é literatura?'

Nasceu em Pisa, em 1943, no estertor do regime fascista de Mussolini. Estudioso e especialista em literatura portuguesa (é regente dessa cadeira na Universidade de Siena), traduziu as obras de Fernando Pessoa para italiano. É casado com uma portuguesa e autor de vários romances em que Portugal não é, apenas, cenário.

É, pela primeira vez, candidato no nosso país, nas listas do Bloco de Esquerda. Esta é a sua primeira entrevista à imprensa portuguesa sobre as suas motivações. Um jogo de palavras, irónico, e que traduz algumas das principais preocupações do escritor com a Europa, sem esquecer os seus dois países: Itália e Portugal.

Visão: O que dirá ao seu amigo Vasco Graça Moura sobre o facto de estarem em listas rivais nas próximas eleições europeias?

Antonio Tabucchi: Camões celebrou os que levaram a Cruz de Cristo às terras do «infiel». Era de direita? Petrarca celebrou o amor espiritual e a paz entre os homens. Era de esquerda? Então porque era Camões um Petrarquista?

- Como comenta a «qualidade literária» destas eleições em Portugal, em que concorrem dois romancistas e um poeta em listas diferentes (PCP, BE e PSD/CDS)?

- «A poesia é a vida? Pois claro! Conforme a vida que se tem o verso vem» (Alexandre O'Neill). A prosa, pelo contrário, é prosaica. Será que tudo é literatura?

- Parece-lhe importante, ou significativa, a abertura das listas portuguesas a cidadãos de outros países da União Europeia?

- Eu acho que Portugal é um país europeu. Espero que os portugueses estejam de acordo.

- A sua área preferencial de intervenção, nesta campanha, será a cultura. Qual seria o primeiro parágrafo de um discurso seu em Estrasburgo?

- A guerra. Acho que a guerra tem razões económicas, mas também culturais.

- Que diferenças encontra nos governos de Portugal e Itália?

- Itália e Portugal têm governos de centro-direita. Mas a direita italiana não é uma direita

normal. É radical e antidemocrática. É a nossa «tentação fascista», como lhe chamaram os franceses. Porque foram os italianos, infelizmente, que inventaram o fascismo...